

Entrevista a dois atletas portugueses que foram correr a maratona à Coreia do Norte

Neste estudo de caso será abordada a diferença entre duas culturas, sendo elas, a cultura portuguesa em contraste com a cultura norte coreana. Irá ser apresentado um estudo de caso em que dois atletas portugueses, André Leite e João Abreu, se deslocam até à Coreia do Norte com o intuito de participar num evento desse país: a Maratona. Este evento atrai milhares de participantes de todo o mundo e tornou-se numa boa ferramenta de propaganda do governo norte coreano. Os atletas, durante uma entrevista ao jornal “Expresso” e ao “Observador”, explicam como foi viver durante uns dias num país onde tudo é controlado pelo governo de Kim Jong-un.

Ao longo deste trabalho irão ser abordados temas como a noção de cultura, a diferença entre cultura de massas e cultura popular, as práticas significantes e códigos culturais, a relação entre cultura e poder, os trânsitos culturais, o construtivismo social e a tradução como ação intercultural.

Noção de Cultura

Antes de começar a descrever e a relacionar as vivências destes dois atletas com os temas lecionados em Estudos Interculturais, é importante descrever a situação política em que a Coreia do Norte se enquadra, isto é, numa ditadura. Tudo é controlado pelo estado, as pessoas nem percebem que não são livres, vivem num país onde apenas existe um canal televisivo e não há internet, como todos a conhecemos. Tudo o que existe na vida das pessoas é do estado e tudo o que devem fazer é respeitar as regras impostas pelo líder.

Em jeito de introdução, e com esta breve descrição da situação vivida na Coreia do Norte, é de fácil compreensão que o nosso conceito de cultura se encontra distante do conceito de cultura norte coreano.

Segundo Matthew Arnold, a cultura era adquirida através da educação, do contacto com conhecimentos como a filosofia, literatura, pintura, música. Esta cultura erudita não abrangia todas as classes sociais e por isso existia um enorme fosso na sociedade. No entanto, este conceito de cultura foi-se alterando e agora fala-se em cultura como, não só as aprendizagens académicas de Arnold, mas também o quotidiano do indivíduo tem um papel fundamental na construção social da identidade. Aquilo que nos rodeia vai determinar a noção de cultura de cada um e conseqüentemente moldar a nossa postura social.

Estudos Interculturais

No caso de estudo abordado, o tipo de cultura imposto pelo líder, determina os comportamentos e os pensamentos da sociedade norte coreana. Devido ao poder da ditadura norte coreana, a cultura associada a este país é muito fechada, rígida e rigorosa. A sociedade vive bem no seu país pois, infelizmente, não conhece a verdadeira liberdade e o verdadeiro significado dos seus direitos e também porque nunca tiveram acesso a isso. Ambos os atletas relatam que as pessoas gostam de receber turistas, desde que não sejam americanos, e que “sorriem, mas sorriem genuinamente”, que até davam por si a “simpatizar com um país que, não nos podemos esquecer, vive em ditadura”.

Cultura de massas e cultura popular

Na sequência das teses de Arnold acerca da cultura, foi-se criando um debate em redor da cultura de massas, que estava a consumir a cultura popular. A cultura de massas, imposta pelos media e pelas novas tecnologias, estava a mediocrizar os indivíduos, incutindo-lhes valores diferentes daqueles que sabiam até então. Acreditava-se, portanto, que a cultura popular ou folclore, seria a melhor ferramenta para reorganizar a sociedade consumida pelo poder dos media.

Relacionando com a experiência dos atletas portugueses, a cultura popular na Coreia do Norte é bem visível, pois não existem meios de comunicação capazes de incutir novos valores à sociedade, visto que são controlados pelo chefe de estado. Apenas é transmitido à sociedade aquilo que eles precisam de saber enquanto cidadãos e o mesmo acontece aos turistas. Apenas lhes é mostrada a parte conveniente, como diz o atleta André Leite, “Estou convicto de que existe outra realidade, de que o que nos mostraram foi só a parte boa...” A cultura popular é visível em toda a viagem até à capital Pyongyang, onde os relatos dos atletas mencionam a falta de modernização da agricultura e da população, “Fizemos uma viagem de comboio de sete horas, com um cenário completamente rural, até Pyongyang. Percebe-se logo na agricultura que é um país que parou no tempo, não há máquinas nos campos, é tudo muito manual ainda.”

Práticas significantes e códigos culturais

As práticas e os códigos culturais de uma sociedade refletem-se no comportamento dos indivíduos perante uma situação do quotidiano e o que esses mesmos comportamentos significam dentro e fora de um determinado meio.

Quanto às práticas norte coreanas, supomos que são rígidas e que transportam um sentido formal e antiquado, e assim o é. Foi vivamente recomendado aos turistas levarem vestuário formal, como vestidos e fatos, para entrarem em palácios e monumentos classificados como importantes, onde se deve manter o respeito pelo líder e pela cultura, bem como oferecer um

Estudos Interculturais

presente aos guias e motoristas norte coreanos. Outro exemplo de uma prática dos norte coreanos é que os jovens se conhecem através de bailes proporcionados pelo governo, como forma de mostrar que o estado lhes concede o amor da vida deles. Estes pequenos exemplos, e que não se adequam à nossa cultura, são de extrema importância na Coreia e refletem uma boa parte dos significados atribuídos aos comportamentos.

Na Coreia do Norte, os códigos culturais são bastante rígidos e por isso a sociedade responde às situações consoante o que lhes é inculcado ao longo da vida. No entanto, os norte coreanos, segundo os atletas portugueses, são pessoas bastante simpáticas e são um público fervoroso, cheio de orgulho e alegria. Ambos os atletas fazem referência à receção calorosa por parte das 60 mil pessoas que assistiram à cerimónia de abertura da maratona. Os atletas confessam que, os norte coreanos, sentiam orgulho e felicidade por verem turistas a correr pelas suas ruas e que sorriam e acenavam, mas o diálogo era quase nulo. O facto de não partilharem as mesmas estruturas de pensamento, a mesma cultura, impedia a comunicação entre os turistas e a população, embora não afetasse a capacidade que o norte coreano tem de fazer sentir o turista desejado.

Cultura e poder

Quer vejamos a cultura como a “produção e circulação de significados” ou como uma “determinada forma de vida” temos sempre de avaliar o seu papel na construção, manutenção e reprodução das estruturas e relações de poder. Uma determinada estrutura de pensamento tem implicações políticas e práticas, muito concretas e reais.

No caso da Coreia, as estruturas de pensamento são muito rígidas e por isso vão influenciar o comportamento dos indivíduos, fazendo com que todos pensem e hajam de maneira semelhante. O facto de o estado impor condutas de pensamento e comportamento à população, faz com que cresça um ambiente de poder, registado nos discursos do próprio governante, que segundo os atletas estão bem enraizados na cultura coreana. Os atletas fizeram referência ao “ódio” que os norte coreanos nutrem pelos americanos, bem como à presença regular de retratos dos líderes atuais e anteriores, como forma de evidenciar o poder dos mesmos.

A cultura e o poder na Coreia do Norte é algo que merece atenção por parte da sociedade pois eles ainda vivem numa ditadura em que o atual líder molda os valores, ideais e até a propriedade de cada um dos cidadãos. Os discursos de poder são constantemente transmitidos no único canal televisivo com o intuito de levar a população a acreditar que o que líder diz é uma verdade absoluta e indiscutível.

Estudos Interculturais

O construtivismo social

Como se sabe, a identidade de um indivíduo é elaborada através dos valores que recebe enquanto enquadrado num ambiente familiar e íntimo, mas também a sociedade em que está inserido determina como o indivíduo se vai comportar perante diversas situações. Para haver comunicação entre uma sociedade é necessário que os seus membros partilhem estruturas de pensamento e códigos culturais semelhantes, com o intuito de todos perceberem a mesma realidade.

Como já foi abordado anteriormente a situação política da Coreia do Norte, é de fácil compreensão, que a identidade social do norte coreano é severamente afetada pela sua cultura, isto é, o estado impõe uma espécie de regulamento tácito sobre o que é e não é aceite. Muitas das vezes, o pensamento de qualquer sujeito sobre este país é baseado nos estereótipos e preconceitos existentes como: O líder Kim Jong-un obrigou todos os homens a cortarem o cabelo como ele ou até que manipularam os resultados do Mundial de futebol para que fosse festejada uma vitória frente aos velhos inimigos americanos. Outros pensam que o próprio povo norte coreano é frio e antipático, mas através dos relatos dos atletas, percebemos que esta não é uma representação da vida real norte coreana. Durante a entrevista, o atleta André Leite, refere que falou com o seu guia sobre os estereótipos falados acima e que este lhe desmentiu a vitória do mundial. Em relação ao carácter do norte coreano, os atletas referiram que ficaram espantados com a boa disposição e felicidade de todos, tendo em conta a situação política em que vivem.

Trânsitos interculturais

Este é um tema que não se adequa à Coreia do Norte visto que não existem grandes volumes de emigração registados, pois ninguém quer perder os seus direitos enquanto cidadão do mundo.

O governo coreano não proíbe a entrada de pessoas no seu país, mas também não a facilita, pois, qualquer pessoa que queira viver e abrir um negócio no país, o estado obterá, indiscutivelmente, 51% da empresa, retirando assim o poder ao comerciante. Isto ocorre, não só com os emigrantes, mas também com aqueles que tentam sair do meio rural onde vivem e deslocar-se até um grande centro. De acordo com o que o atleta André Leite descreve, um indivíduo só pode viver no sítio onde nasceu e só por via de um teste e um pedido formal ao líder é que pode, porventura, conseguir mudar-se para a capital.

Como a Coreia do Norte é um país muito fechado e muito controlador, torna-se difícil que entrem e se enraízem novas culturas. Qualquer pessoa que vá viver ou visitar este país tem de se habituar ao seu modo de vida, isto é, obedecer às regras impostas pelo líder. Por exemplo,

Estudos Interculturais

um visitante não pode abordar o tema da religião com um nativo, pois o estado é que manda na própria religião, que se baseia no culto do chefe.

A tradução como ação intercultural

O papel da tradução é muito importante no que diz respeito ao processo de representação de um conteúdo, de uma determinada cultura para outra. Como na Coreia não existe liberdade para ler e ver o que se quer, a tradução apenas ocupa um lugar fulcral no papel desempenhado pelos guias turísticos. Estes são responsáveis por mostrar aquilo que é bom na sua cultura e o que mais se assemelha com a do turista.

Fontes:

<http://tribunaexpresso.pt/modalidades/2017-04-23-Alvaro-Leite-correu-uma-maratona-em-Pyongyang-E-surreal-uma-cidade-fantasma-onde-tudo-parece-encenado>

<http://observador.pt/2017/05/03/o-que-mostra-o-album-fotografico-e-os-videos-de-um-portugues-na-coreia-do-norte/>